

CAPÍTULO 2

AS CONTRIBUIÇÕES DOS GRUPOS DE ESTUDO EM PSICANÁLISE PARA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

Ana Raíla Arrais de Sousa

Docente do curso de Psicologia do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá - IESRSÁ;
Professora orientadora bolsista do Programa de Iniciação Científica- 2022.2 da do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá – IESRSÁ.

Francislene Débora Lima Silva

Graduanda em Psicologia do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá - IESRSÁ;
Discente do Programa de Iniciação Científica- 2022.2 do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá – IESRSÁ.

Maria Ruth Santos Borges

Graduanda em Psicologia pela Instituição do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá - IESRSÁ;
Discente do Programa de Iniciação Científica- 2022.2 do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá – IESRSÁ.

RESUMO

A psicanálise trata-se de uma teoria, um método de investigação e uma prática profissional (Bock, Furtado, & Teixeira, 2001). Segundo Freud (1930/2010), a psicanálise não pode ser totalmente apreendida unicamente por meio do ensino, sendo necessário, para além disso, sua transmissão. Nesta mesma lógica, Bleger (2011) afirma que a forma de ensino tradicional das instituições prioriza a objetividade no repasse de conhecimentos, tornando o indivíduo alheio ao próprio processo de aprendizagem. Desse modo, Bleger (2011) afirma que há outras formas de aprender e ensinar, das quais, segundo França e Santos (2022), se destacam os grupos de estudos. Evidencia-se, então, a importância de se impulsionar essa forma de transmissão da psicanálise na graduação em psicologia. Este artigo, portanto, pretende responder ao problema de pesquisa: qual a relevância do grupo de estudo em psicanálise para a formação em psicologia? A pesquisa é pertinente ao averiguar a eficácia destes grupos como uma forma dinâmica e

rica de transmissão da psicanálise. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, realizada em plataformas digitais acadêmicas como Google Acadêmico, SciELO e Periódicos da Capes. Utilizou-se os descritores: grupos de estudos, psicanálise, universidade, psicologia, graduação e experiência de grupos, com um recorte temporal de 2007 a 2022. Verificou-se que os grupos de estudo em psicanálise contribuem significativamente para a formação do psicólogo.

Palavras-chave: Grupo de estudo; Universidade; Psicanálise; Psicologia; Graduação.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado da pesquisa intitulada "As contribuições dos grupos de estudo em Psicanálise para formação do psicólogo", financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSA). Objetivou-se aprofundar teoricamente o estudo sobre a psicanálise e os grupos de estudo, investigar sobre o processo de construção dos grupos de estudo em psicanálise, bem como averiguar a relevância para a formação em psicologia.

Sigmund Freud, com a invenção da Psicanálise, revolucionou o modo de pensar a vida psíquica, uma vez que ousou colocar como questões científicas os processos inconscientes do psiquismo que até então permaneciam esquecidos pelos teóricos da psicologia (Bock et al., 2001). A psicanálise, por sua vez, trata-se de uma teoria, um método de investigação e uma prática profissional (Bock et al., 2001).

Desde a sua criação, a psicanálise tem contribuído positivamente para a compreensão de muitos problemas da sociedade, como, por exemplo, no que diz respeito à psicofarmacologia, a qual, de início, ofertou ao homem a retomada de sua liberdade, abandonando os antigos tratamentos bárbaros e ineficazes utilizados para problemas de ordem psicológica (Roudinesco, 2000). No referente aos ansiolíticos e aos antidepressivos, estes proporcionaram aos neuróticos e aos deprimidos um alívio maior.

No entanto, com o passar dos anos, depositou-se uma confiança exacerbada no poder de cura das poções da psicofarmacologia, dessa forma, terminou por perder parte de seu renome e alienou o sujeito numa pretensão de curar a si próprio da condição humana (Roudinesco, 2000). Em razão desses excessos da farmacologia, emergiram denúncias daqueles que um dia a haviam enaltecido, reivindicando, hoje, que os mesmos medicamentos

sejam administrados de modo mais racional e aliados a outras formas de tratamento, como a psicoterapia e a psicanálise (Roudinesco, 2000).

Diante disso, atualmente, a Psicanálise é empregada em psicoterapias, aconselhamento e orientação, assim como pode ser aplicada no trabalho com grupos e em instituições, sendo uma práxis importante para a análise e compreensão de fenômenos sociais, tais como "as novas formas de sofrimento psíquico, o excesso de individualismo no mundo contemporâneo, a exacerbação da violência etc." (Bock et al., 2001, p. 92). Não obstante, a Psicanálise possui um campo de contribuição vasto que vai desde a clínica até a educação, sendo ela centrada no autoconhecimento do indivíduo, proporcionando criar mecanismos para lidar com o sofrimento (Bock et al., 2001).

Paralelamente a isso, pesquisas vêm sendo realizadas sobre os problemas contemporâneos, tais como a criminalidade, a medicalização e o mal-estar vivenciado pelo sujeito no mundo moderno (Bock et al., 2001). Assim, "eles procuram compreender os novos modos de subjetivação e de existir, as novas expressões que o sofrimento psíquico assume" (Bock et al., 2001, p.105), buscando criar intervenções sociais para superar os conflitos provocados na civilização (Freud, 1930/2010).

Lacan trouxe grandes contribuições para a teoria psicanalítica com seus estudos sobre os grupos (De Luccia, 2018). Suas pesquisas sobre a lógica coletiva, o dispositivo de cartel e a sua teoria dos discursos somaram significativamente para a compreensão da relação entre Psicanálise e grupo, bem como suas diferentes aplicações nas instituições (De Luccia, 2018).

Entre essas instituições, destaca-se a universidade – local onde o saber é ensinado (Freud, 1923-1925/2011). Entretanto, a transmissão da Psicanálise não se dá somente pelo ensino nem se sustenta unicamente no estudo da teoria, mas também pela supervisão e análise pessoal, como preconizava Freud (1919/1996). Nesse sentido, é válido apontar a diferença entre ensino e transmissão, tal como afirmam Carneiro e Pinto (2009):

A transmissão implica diretamente o aluno na forma como está atravessado pela linguagem, isto é, desde sua posição singular. Enfim, a transmissão é uma questão de como cada sujeito se encontra com o desejo diante daquilo que escuta e frente à saída que desencadeia uma entrada para suas perguntas (pp. 176-177).

Ainda, segundo Rosa (2001), a transmissão da teoria coloca em oposição o conhecimento adquirido e a busca pela verdade em sua totalidade, considerando o conhecimento como uma etapa a ser superada em direção à própria verdade. Dessa forma, muito mais que o simples repasse

de saberes, o espaço universitário configura-se como um ambiente fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, bem como para a produção do conhecimento (França & Santos, 2022).

Quanto à estruturação tradicional do ensino nas instituições universitárias, este se caracteriza por ser no universitário, fragmentado e burocratizado, deixa pouca margem para a exploração de outras lógicas de formação que considerem verdadeiramente a experiência e o desejo do sujeito (Coutinho, Mattos, Monteiro, Virgens, & Almeida Filho, 2013). Essa disparidade entre as duas formas de transmissão da psicanálise resulta em indagações se seria possível um ensino fora do modelo preconizado pelas instituições universitárias, constantemente criticadas pela excessiva rigidez, tradicionalismo e distanciamento das demais áreas do conhecimento (Almeida-Filho, 2007).

Paulo Freire (2011) tece uma crítica a respeito deste modelo de ensino depositário que consiste no simples repasse de informações já elaboradas, denominado por ele de “educação bancária”. O autor, deste modo, aponta para a necessidade de se modificar tal forma de ensino, ressaltando a importância de o aluno ser crítico e ativo em relação ao seu próprio processo de aprendizagem. De forma semelhante ao pensamento freireano, Figueiredo (2008) explica que, no clássico discurso universitário, o saber encontra-se em posse de um agente – o professor – e é repassado para o objeto – o aluno, que apenas o reproduz.

Nesta mesma lógica, Bleger (2011), psiquiatra e psicanalista argentino, afirma que a forma de ensino tradicional das instituições prioriza a objetividade no repasse de conhecimentos, tornando o indivíduo alheio ao próprio processo de aprendizagem. Sob este viés, o autor considera o ser humano como o “instrumento de todos os instrumentos” (Bleger, 2011, p. 60), por isso, há outras formas de aprender e ensinar, porém o sujeito é, ainda, componente crucial para esse processo (Bleger, 2011).

Deste modo, de acordo com Pichon-Rivière (1969/2005), o grupo operativo é um conjunto de pessoas com um objetivo comum que trabalham em equipe para conseguir o êxito. Assim, o diferencial estaria na troca obtida através das relações entre os indivíduos, para além da atividade a ser realizada. Bion (1961/1975, p. 81), psicanalista britânico e pioneiro em dinâmica de grupo, contribui com uma visão otimista ao afirmar que:

No grupo, o indivíduo dá-se conta de capacidades que são apenas potenciais enquanto se encontra em comparativo isolamento. O grupo, dessa maneira, é mais que um conjunto de indivíduos, porque um indivíduo num grupo é mais que um indivíduo em isolamento.

Em 1910, Freud fundou a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) com o objetivo de supervisionar a formação de novos psicanalistas, a qual serviu de base para a criação de muitas outras sociedades de psicanálise com o fito de disseminar o conhecimento e o patrimônio teórico por todo o mundo, encontrando espaço também no Brasil através de sociedades e grupos de estudos em psicanálise (Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região [GEP], 2019).

Percebe-se, dessa forma, que a história da psicanálise com grupos não é algo recente e que, ao longo dos anos, esta relação tem sido aprimorada, especialmente em termos de torná-la mais acessível, chegando atualmente ao âmbito universitário mediante os grupos de estudos (GEP, 2019). A exemplo de tais grupos, tem-se o Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região (GEP, 2019), o LAPCIP (Lhullier, Marsillac, Silva, Machado, e Fantin, 2018), o Universo Inconsciente (Alves et al., 2016), o Grupo Amigos da Psicanálise (Cunha, Ramos, Dias, Lemes, & Barja, 2021), dentre outros.

Partindo do explicitado acima, vale ressaltar que os grupos de estudos não objetivam chegar a uma verdade única ou consenso (Silva, Gonçalves, Azambuja, & Caneda, 2020), já que a circulação de saberes inerente à dinâmica dos grupos permite o compartilhamento das diferentes interpretações dos participantes acerca das concepções dos autores, auxiliando na formação de um saber coletivo que valoriza as subjetividades, objeto de interesse da psicanálise (Silva et al., 2020). Assim, os aspectos descritos embasam a relevância das reuniões grupais a respeito das teorias psicanalíticas.

PSICANÁLISE E PSICOLOGIA

Os primórdios da psicologia como ciência se deram principalmente graças aos trabalhos de Wilhelm Wundt em seu laboratório criado em 1879 em Leipzig, Alemanha (Hothersall, 1997). No momento em que o estudo da psiquê se instaurou de forma objetiva através de experimentos cautelosamente controlados, foi quando a psicologia começou a se desenvolver, verdadeiramente, enquanto ciência (Hothersall, 1997).

A partir desse marco inicial, outras formas de perceber e estudar a psique foram sendo elaboradas, como o Behaviorismo, a Teoria da Gestalt, a Psicologia Humanista e a Psicanálise (Carpigiani, 2002). A psicanálise, por sua vez, desenvolveu-se simultaneamente às demais vertentes da Psicologia, diferenciando-se pela proposta de estudar o sujeito de forma

abrangente, considerando-o em suas individualidades, sejam elas genéticas, históricas ou dinâmicas, com o objetivo de identificar a dependência entre os eventos passados, presentes e futuros da vida do indivíduo (Carpigiani, 2002).

É válido apontar que, apesar de a psicologia e a psicanálise terem sido elaboradas ao mesmo tempo, ambas não compartilharam o mesmo objeto de estudo nem o mesmo método de trabalho. Enquanto a primeira pôs-se a investigar, em sua gênese, sobre a consciência utilizando a introspecção, a segunda ocupou-se da descoberta e do estudo do inconsciente, fazendo uso da hipnose, método catártico, interpretação dos sonhos e associação livre (Carpigiani, 2002).

Outra distinção se dá em razão de a Psicanálise ter se originado a partir das observações feitas por Freud em sua prática clínica, enquanto que as demais vertentes da psicologia estavam centradas "nos laboratórios, nas bibliotecas e nas salas de aula, utilizando metodologia experimental, empírica e introspectiva para se firmar como ciência pura, buscando esquartejar as estruturas da consciência humana" (Carpigiani, 2002, p. 74).

No ano de 1895, Freud, juntamente com o médico e fisiologista austríaco Josef Breuer, publica o livro *Estudos sobre histeria*, que constituiu um dos passos iniciais para a formalização do saber psicanalítico e cuja elaboração reuniu conhecimentos da psicanálise, da neurologia e da fisiologia (Carpigiani, 2002). A obra publicada em conjunto pelos dois médicos apresentava as suas "conclusões provisórias sobre os resultados do método catártico" (Quinodoz, 2007, p. 21).

A publicação desse livro marca, porém, a separação dos dois autores em virtude de divergências quanto a certos aspectos teóricos, principalmente no que diz respeito à etiologia das neuroses, as quais Freud, discordando de Breuer, defendia possuírem uma causação sexual (Quinodoz, 2007). A partir disso, Freud prosseguiu sozinho suas próprias pesquisas, chegando à criação da associação livre, "o fundamento técnico mais significativo do método psicanalítico" (Sousa, 2018, p. 2).

Anos mais tarde, especificamente em 1900, Freud publicou o livro *A interpretação dos sonhos*, contendo uma nova e revolucionária compreensão sobre os sonhos, bem como ideias inéditas acerca do funcionamento do pensamento e da linguagem (Quinodoz, 2007). Nesta obra, é proposta uma concepção geral do funcionamento do psiquismo humano, estabelecendo-se, assim, os fundamentos clínicos, técnicos e teóricos da psicanálise (Quinodoz, 2007).

A interpretação dos sonhos é considerada por muitos como a primeira obra propriamente psicanalítica de Freud (Cheniaux, 2006). Por conseguinte, nas palavras do psicanalista Renato Mezan (2002), é "referência para todas as realizações futuras e demonstração impressionante da fecundidade de um pensamento revolucionário" (p. 17).

A psicanálise encontrou resistência por parte de diversos nichos que compunham a sociedade daquela época, em razão de apresentar conceitos até então desconhecidos, acrescido ao pensamento antagônico à mentalidade puritana que prevalecia naquele período (Carpigiani, 2002). Apesar das críticas, Freud encontrava-se determinado a continuar por acreditar que "estava assumindo a luta por uma ideia nova e original" (Freud, 1914/1997, p. 7).

Não obstante, a psicanálise sofreu críticas relacionadas a seu suposto caráter científico, sendo apontada por alguns cientistas como uma hermenêutica, isto é, "apenas um sistema de interpretação literário dos afetos e dos desejos" (Roudinesco, 2000, p. 113). Esse procedimento cientificista se sustentava na justificativa da psicanálise, diferentemente das demais ciências reconhecidas, até então não ser embasada em experimentação, mas sim, na subjetividade do sujeito percebida a partir da observação clínica (Roudinesco, 2000).

Outro fator de resistência à psicanálise foi a cultura da psicofarmacologia, ainda muito recorrente nos dias atuais, que priorizava um tratamento medicamento para as queixas apresentadas pelo indivíduo, o qual "promete o 'fim' do sofrimento psíquico através da ingestão de pílulas, que nunca fazem mais do que suspender sintomas ou transformar uma personalidade" (Roudinesco, 2000, p. 22).

Porém, apesar de ter sido recebida com relutâncias, a teoria psicanalítica foi diversas vezes reformulada e ampliada ao longo de sua existência e suas formulações sobre o funcionamento do psiquismo humano contribuíram para os estudos de diversas áreas, principalmente para a Psicologia Clínica e a Psiquiatria como também para a educação (Carpigiani, 2002).

Depois de Freud, vários estudiosos basearam-se nos construtos psicanalíticos para formular suas próprias teorias, articulando, para isso, alguns conceitos já estabelecidos dentro da psicanálise às suas próprias percepções sobre a mente humana (Carpigiani, 2002). Alguns dos grandes nomes da psicanálise pós-freudiana são Karl Abraham, Melanie Klein, Anna Freud, Sandor Ferenczi, Jacques Lacan e Donald Woods Winnicott (Zimerman, 2007).

Após surgir, se consolidar e expandir, a teoria psicanalítica chega ao Brasil por meio da Medicina, através de Franco da Rocha em 1919 com a doutrina de Freud e Durval Marcondes – pioneiro psicanalista brasileiro – traduzindo as obras completas de Freud (Carpigiani, 2002). Outrossim, a literatura também fez uso da psicanálise por intermédio dos intelectuais Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade quando a introduziram no contexto do Brasil através de suas obras (Carpigiani, 2002).

Atualmente, mesmo tendo seu ensino consolidado no meio universitário, mais especificamente nos cursos de psicologia, ainda é constante a relutância por parte dos discentes à Psicanálise logo no primeiro contato, seja por questões pessoais que levam os estudantes de Psicologia a escolher essa profissão ou a formação de repulsas a certas abordagens psicológicas (Cruz & Souza, 2017). Ainda, sua resistência a esta teoria está relacionada ao seu caráter enigmático e que causa estranheza, que surge em razão do desconhecimento do inconsciente (Cruz & Souza, 2017).

OS GRUPOS DE ESTUDOS NA PSICANÁLISE

Por volta da década de 80 já havia experiências rudimentares da modalidade de grupo operativo em congressos realizados pela Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo (ABPAG), com pequenas reuniões grupais após apresentações de trabalhos (Emílio, 2010). O modo de funcionamento desses grupos ocorria por meio de discussões horizontais e criativas, das quais participavam desde alunos até professores, evidenciando que a troca de saberes independe do nível acadêmico em que se encontram os indivíduos, prezando o objetivo crucial dos grupos – a troca de conhecimentos a respeito dos conceitos psicanalíticos (Emílio, 2010).

Freud, em 1910, criou a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) com o intuito de acompanhar a formação dos novos psicanalistas. Posteriormente, foram criadas muitas sociedades de psicanálise com o objetivo de levar o conhecimento e o legado da mesma ao mundo, a exemplo, o Brasil com sociedades e também grupos de estudos (Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região [GEP], 2019). Denota-se, assim, que a relação da psicanálise com grupos não é algo recente e que, ao longo dos anos, esta relação foi sendo atualizada, principalmente em questão de acessibilidade, chegando hoje ao meio universitário por meio dos grupos de estudos (GEP, 2019).

A exemplo dessa acessibilidade, têm-se a experiência do Laboratório de Psicanálise, Processos Criativos e Interações Políticas (LAPCIP), criado em 2014, que apoiou-se na ideia de "que a transmissão se dá para além do ensino e que o discurso da psicanálise busca evidenciar e questionar os lugares da verdade presentes no discurso científico" (Lhullier et al., 2018, p. 1). Sob essa lógica, os autores Maximino e Liberman (2015) trouxeram em seus estudos a máxima de que os grupos de estudos são espaços que trazem a oportunidade do saber coletivo e estimulam a leitura crítica dos envolvidos.

O LAPCIP foi fundado com o objetivo primordial de transmitir a psicanálise, tanto pelo viés da pesquisa, como do desenvolvimento de propostas de uma prática psicanalítica nas localidades próximas, se expandindo nesses territórios por meio do trabalho conjunto com alguns parceiros, entre eles o Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII e o Centro de Estudos Psicanalíticos da Universidade San Martin (UNSAM) (Lhullier et al., 2018).

Não obstante, acreditando que a universidade disponibiliza um espaço para o saber psicanalítico, Lhullier et al. (2018, p. 9):

Pretende operar como um laboratório de ideias e propostas, realizando e publicando estudos, pesquisas e projetos de extensão que explorem as possibilidades e os limites da ação da psicanálise no mundo contemporâneo, com especial ênfase às suas interfaces com as temáticas "processos criativos" e "interações políticas".

Sob esse viés, o LAPCIP conseguiu espaço em razão de abordar as discussões e questionamentos da psicanálise nas suas variadas facetas, contribuindo com aqueles que se interessam ou apenas possuem curiosidade sobre a teoria. (Lhullier et al., 2018). O êxito do grupo se deu de tal forma que, a partir de sua proposta central, derivaram-se novos projetos, como, por exemplo, o "Para começar a ler Lacan", que foi pensado como um ciclo de seminários, com o intuito de fazer circular a psicanálise no meio acadêmico, e, assim, propiciar a articulação com outros saberes (Lhullier et al., 2018).

É válido citar também a experiência do Grupo Amigos da Psicanálise (GAP), que de acordo com Cunha et al. (2021, p. 3) surgiu quando:

Em 2018, alunos do curso de graduação em Psicologia da UNIVAP sentiram a necessidade de criar um grupo de estudos de Psicanálise, para aprofundar e dar continuidade a debates que necessariamente transcendiam o espaço e o tempo da sala de aula.

O GAP definiu como proposta, que até hoje vigora, discutir a Psicanálise baseando-se na leitura dos textos próprios de Freud, usando como complemento outros conteúdos acadêmicos e algumas produções

artísticas (Cunha et al., 2021). Dessa forma, houve uma variedade de contribuições culturais nesse sentido, que abrangeu desde a elaboração de poemas até a leitura de contos e a apresentação de filmes (Cunha et al., 2021). Além dos escritos clássicos de Freud, durante as reuniões do grupo também foram trabalhadas outras perspectivas psicanalíticas distintas e mais atuais (Cunha et al., 2021).

Como resultado das reuniões do GAP, alguns membros produziram trabalhos a partir dos conhecimentos e percepções obtidos durante os encontros em que discutiam sobre as teorias psicanalíticas e para além delas, o que favoreceu a interdisciplinaridade ao incluir debates sobre psicanálise e arte, política e psicologia (Cunha et al., 2021).

Mais recentemente, em 2020, diante das adversidades ocasionadas pelo COVID-19, os estudantes da Universidade Estadual de Londrina, no intuito de se adequarem ao novo contexto social, participaram de um grupo de estudos voltado para a formação clínica em Psicologia, onde abordaram alguns temas voltados à psicanálise (Sapateiro, Silva, Gouveia Inácio, & Sei, 2021). Nas primeiras conversações, houve uma integração dos participantes, por meio da qual eles foram interrogados sobre os temas de seu interesse a serem discutidos ao longo dos encontros (Sapateiro et al., 2021).

A experiência permitiu a compreensão de que, para além das discussões dos temas psicanalíticos, o grupo assume uma função referente ao acolhimento das dúvidas e incertezas dos alunos, não restringindo-se às dificuldades encontradas ao longo da graduação, mas também a questões relativas a empasses socioeconômicos, saúde mental, ansiedade e ao luto, que inevitavelmente estão entrelaçados à realidade universitária e que foram agravadas no período pandêmico (Sapateiro et al., 2021).

Alves et al. (2016), a partir de sua experiência em um grupo de estudos não institucionalizado, intitulado Universo Inconsciente, discutem as especificidades na transmissão da Psicanálise. É relatado que o seu grupo de estudos possuía como objetivo entender a trajetória do pensamento freudiano, utilizando-se, para tanto, os principais textos de sua obra, além de dar a possibilidade a cada integrante de possuir o discurso de crítico ao relacionar livremente as ideias contidas nos textos de Freud (Alves et al., 2016).

Outro fator relevante de acordo com Alves et al. (2016, p. 52) a respeito da experiência desse grupo é a utilização da associação livre, onde:

A mesma tal qual é, ou será, utilizada na atuação clínica e profissional de cada um. Com ela é possível sair, então, meramente da posição de alunos

ouvintes e partir da premissa da utilização dessa como uma construção conjunta de significantes individuais.

Dessa forma, é dada importância ao que é falado por cada membro nos encontros, enfatizando que a fala não é nula pois considera-se tudo o que é dito, assim, ainda no ano de 2020, em junho, teve origem o grupo de estudos em Psicanálise da Universidade Luterana do Brasil, composto por estagiários de processos clínicos em Psicologia atuantes na abordagem psicanalítica (Silva et al., 2020).

Os encontros do grupo eram realizados no formato online, o que permitiu receber convidados de diversas partes do país e do mundo, e, para além disso, é importante enfatizar que dentre os objetivos do grupo, destacasse a busca pela associação entre a teoria e a prática clínica, convidando, para tanto, psicanalistas e professores de estágio para auxiliarem nesse processo (Silva et al., 2020).

As reuniões do grupo eram realizadas com frequência semanal, onde, segundo Silva et al. (2020, p. 3) "eram abordados textos teóricos, relacionados à prática clínica e decididos em conjunto, condizente com a demanda dos participantes". Além disso, a programação dos encontros, bem como a escolha dos temas a serem trabalhados em cada reunião eram flexíveis, havendo a preocupação de considerar as temáticas que fossem de interesse dos participantes e, ao mesmo tempo, de relevância para a prática na clínica psicanalítica (Silva et al., 2020). Quando necessário, textos que já haviam sido discutidos eram retomados visando a sua melhor assimilação (Silva et al., 2020).

Em decorrência das atividades realizadas, os participantes relataram que a vivência dos estudos em conjunto tornou o aprendizado mais enriquecedor e ameno, assim como possibilitou aprofundar os seus estudos sobre os conceitos psicanalíticos, além de escutar diversas experiências de profissionais com muito conhecimento teórico e técnico (Silva et al., 2020).

Para além disso, o investimento nas leituras prévias, feitas de forma individual, eram enriquecidas com o debate, por meio da associação livre e das trocas, proporcionando, assim, uma formação mais sólida e atenta à realidade, que somente as disciplinas da faculdade não dariam conta (Silva et al., 2020). Além disso, um outro benefício relatado foi quanto ao exercício da escuta ativa, uma habilidade essencial para o atendimento clínico que vai muito além de apenas ouvir o outro (Silva et al., 2020).

Percebe-se, então, que a ideia de disseminar o saber psicanalítico em grupo vem crescendo e obtendo êxito, evidenciando, assim, a importância de

se impulsionar formas alternativas de transmissão da psicanálise no âmbito acadêmico, em especial na graduação em psicologia.

RECURSOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 183):

Abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicações orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão.

Nesse sentido, segundo Markoni e Lakatos (2003), a finalidade da pesquisa do tipo bibliográfica é permitir que o pesquisador tenha acesso direto a tudo o que foi escrito, falado ou gravado sobre uma temática específica, incluindo conferências acompanhadas de debates que foram registrados por meio de publicações ou gravações.

Quanto à natureza, a pesquisa é de caráter essencialmente qualitativo, a qual estima que existe uma relação direta entre o mundo real e o sujeito, enfatizando a importância da interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados nesse processo na qual não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas (Prodanov & Freitas, 2013).

Inicialmente, foi feita uma pesquisa bibliográfica preliminar, que consiste na investigação das obras científicas já publicadas sobre os grupos de estudo em psicanálise em livros e nas plataformas digitais acadêmicas – tais como Google Acadêmico, SciELO e Periódicos da Capes –, com o propósito de reunir os materiais necessários para a reflexão e a discussão sobre a relevância destes grupos para a graduação em Psicologia (A. S. Sousa, Oliveira, & Alves, 2021). Para tanto, utilizou-se os seguintes descritores: grupos de estudos, psicanálise, universidade, psicologia, graduação e experiência de grupos. O recorte temporal englobou os artigos publicados entre 2007 e 2022.

A importância da etapa citada se dá pelo levantamento de informações relevantes que contribuam para a delimitação do tema e para a contextualização do objeto problema (Sousa et al., 2021). Nesse sentido, para Marconi e Lakatos (2003, p. 183): “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Após uma leitura exploratória, foram selecionadas as fontes de referência com base em sua relevância para o desenvolvimento e para a solução do problema de pesquisa. Em seguida, foi elaborado um fichamento a partir da leitura crítica dos artigos reunidos, com o intuito de destacar as informações mais pertinentes para o estudo do tema escolhido. Segundo A. S. Sousa et al. (2021), as fichas auxiliam no processo de ordenação das informações coletadas, uma vez que reúnem as ideias principais que possam colaborar para o desenvolvimento da pesquisa.

Cumpridas todas estas etapas, foi feita a análise do material bibliográfico levantado, que, de acordo com A. S. Sousa et al. (2021, p. 17), consiste no “processo de organizar, refletir, comparar e argumentar todos os elementos do texto, distinguir quais são seus elementos principais, o conhecimento que pode contribuir para solução ou comprovação da pesquisa”. Por conseguinte, realizou-se a interpretação do material bibliográfico reunido, de modo a comprovar ou refutar as hipóteses iniciais (Sousa et al., 2021).

Assim, passou-se para a etapa de redigir, momento em que o pesquisador realiza a estruturação lógica do trabalho científico (A. S. Sousa et al., 2021). Trata-se essencialmente do processo de redação da pesquisa bibliográfica, com vistas a ordenar as ideias relevantes para a solução do problema da pesquisa ou a testar as hipóteses levantadas e cumprir os objetivos propostos (Sousa et al., 2021).

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Ao realizar um aprofundamento teórico sobre a psicanálise, constatou-se que, como afirmava Freud (1919/1996), ela não pode ser totalmente apreendida pela lógica da educação formal. Consequentemente, qualquer tentativa de enquadrá-la nas limitações do ensino universitário é conflitante com ela, uma vez que seus conteúdos não podem ser assimilados unicamente por meio do ensino, sendo necessário, para além disso, sua transmissão (França & Santos, 2022). Ao introduzir os grupos de estudo em psicanálise na universidade, estimula-se o aprendizado dessa teoria que, por vezes, devido às suas particularidades, pode ser um tanto complexa para os discentes (França & Santos, 2022).

Nessa mesma perspectiva, verificou-se que os grupos de estudo, segundo a conceituação de Maximino e Liberman (2015), são espaços privilegiados de aprendizagem, que dão abertura à construção coletiva de saberes e a uma leitura mais crítica da realidade. Dessa forma, através dos

estudos em grupo, os participantes aprendem a se expressar melhor, a trocar suas impressões sobre as mais variadas temáticas, a simplificar informações, a valorizar a opinião do outro, a compreender o modo subjetivo de cada um se comunicar e a ter um posicionamento mais articulado, argumentativo e problematizador, transformando o mundo externo ao mesmo tempo que transformam a si mesmos (Maximino & Liberman, 2015).

Observou-se, ainda, que os grupos de estudo figuram como um meio potencial para essa mudança, pois não pretendem eleger um mestre a ser seguido, mas, pelo contrário, possibilitam que cada um expresse de maneira singular os seus próprios conteúdos e suas interpretações mediante os diversos saberes, orientando-se a ser mestre apenas do seu inconsciente (Silva et al., 2020). Desse modo, o grupo é delineado a partir da experiência vivida por cada membro com a psicanálise, de tal forma que a singularidade, as concepções e dúvidas trazidas por cada um para a reunião fazem o grupo de estudos ser único (Alves et al., 2016; Lhullier, 2018).

Averiguou-se, ademais, através da experiência de Sapateiro et al. (2021, p. 90), que: “as atividades de estudo em grupo possibilitam articulações de conhecimento, partilha de saberes e aprimoramento de leitura e escrita”. Dessa forma, mostram-se como uma alternativa eficiente na prática que proporciona benefícios mútuos para além do que a universidade promove, uma vez que, a grade curricular dos cursos de graduação nem sempre são capazes de apreender todas as contribuições psicanalíticas em suas mais variadas formas (França & Santos, 2022).

Logo, evidencia-se, que o grupo de estudos em Psicanálise possibilita aos integrantes a criação de um vínculo social, em razão de que, durante os encontros é utilizado um texto para interpretar o vocabulário inconsciente e estimular o confronto entre as opiniões de cada um, através da livre associação de ideias (Alves et al., 2016). Ressalta-se, dessa maneira, o intuito unânime do grupo de que a fala não é nula pois considera-se tudo dito, como também a máxima que a transferência é o caminho a ser trilhado para o inconsciente (Alves et al., 2016).

Sobre o processo de formação dos grupos, os resultados encontrados a partir da pesquisa realizada por França e Santos (2022) em quatro universidades do Acre apontam que a sua criação pode se dar como uma alternativa para preencher as lacunas existentes na grade curricular da graduação em psicologia. Na análise feita pelas autoras, as principais lacunas encontradas foram quanto: à falta de textos psicanalíticos acerca das temáticas contemporâneas (novas configurações familiares, estudos de gênero sobre o feminino, a homossexualidade, a transexualidade, a influência

da tecnologia e do capitalismo nas formas de vida atuais); à prática clínica além do modelo tradicional; a poucas obras de autores psicanalíticos brasileiros; e à construção do saber por meio da pesquisa (França & Santos, 2022).

Ao final de seu trabalho, França e Santos (2022) verificaram que, diante das constatações obtidas, algumas medidas podem ser adotadas para amenizar as carências da atual configuração da psicanálise nos cursos de psicologia, como, por exemplo: oferta de mais disciplinas optativas de psicanálise, levando em conta as preferências e os interesses dos alunos, e a promoção de grupos de estudo, tendo em vista que as ideias mais complexas de alguns teóricos da psicanálise podem ser melhor compreendidas quando discutidas coletivamente (França & Santos, 2022). A partir dessas observações, percebe-se que os grupos de estudo em psicanálise são formados para amenizar essas falhas ao funcionarem como espaços onde os discentes podem sugerir a discussão de temas novos – incluindo aqueles que envolvem temáticas atuais que não são suficientemente debatidos no âmbito da psicanálise – e ainda aprofundar-se sobre os temas discutidos em sala de aula (França & Santos, 2022).

Outrossim, sobre a formação dos grupos de estudo, foi possível perceber, a partir das ideias de Figueiredo (2008) e Freire (2011), que eles também podem surgir diante da necessidade de se modificar a forma tradicional de ensino. Nesse sentido, no clássico discurso universitário, o saber encontra-se em posse de um agente – o professor que sabe o que diz – e é repassado para os alunos, que permanecem numa função de objeto e apenas reproduzem o discurso que lhes é repassado.

Ainda sob esse viés, Paulo Freire (2011) tece uma crítica a respeito deste modelo de ensino, denominado por ele de “Educação Bancária”, na qual a educação se torna um ato de depositar, onde os educandos são os depositários e o educador, por sua vez, o depositante. Os grupos de estudo são formados, então, numa tentativa de migrar de uma organização vertical do processo de ensino para uma horizontal, onde todos compartilham saberes, sendo igualmente contribuintes do ensino e da aprendizagem da psicanálise (Silva et al., 2020).

É importante salientar que nestes espaços de aprendizagem não existem etapas a serem realizadas, ou seja, não existem metas pré-estabelecidas que precisam ser alcançadas. Ao contrário, o que se tem é a elaboração de uma linguagem ímpar a cada reunião. Assim, o método que permeia o grupo é a associação livre de ideias, onde as contribuições são feitas de forma espontânea à medida em que vai fluindo a discussão sobre

os temas propostos (Alves et al., 2016). Esta dinâmica é de grande valia ao considerarmos a graduação em psicologia, área da ciência que tem seu berço na subjetividade.

De acordo com Bleger (2011), toda aprendizagem requer a intervenção do ser humano, porém, na prática ignorou-se essa necessidade de uma participação ativa, como se o real objetivo do ensino não fosse proporcionar a assimilação dos instrumentos necessários para o desenvolvimento do indivíduo, mas, sim, fazer do indivíduo um depósito de informações, um ser desumanizado e alienado.

Bleger (2011) concorda que há outras formas de aprender como também de ensinar e cita a ferramenta dos grupos operativos idealizados pelo psiquiatra e psicanalista Pichon-Rivière (1969/2005), os quais possuem como finalidade “o esclarecimento, a comunicação, a aprendizagem e resolução de tarefas” (p. 143). Este pensamento corrobora com a finalidade dos grupos de estudo, que é a de refletir sobre as leituras dos textos da psicanálise a partir das próprias percepções sobre o assunto, evidenciando que o indivíduo e sua subjetividade devem ser os instrumentos centrais em seu processo de assimilar e construir saberes, podendo explicar as interpretações em conjunto.

Nesse sentido, ao averiguar o grau de eficácia dos grupos de estudo em psicanálise para a formação em psicologia, constatou-se, a partir dos autores consultados, que eles se mostram como um caminho alternativo para além daquele que é direcionado pela universidade, em razão de promoverem o amadurecimento do senso crítico dos discentes, guiando-os em direção a uma maior autonomia sobre a própria aprendizagem, algo de grande importância na formação em psicologia, um curso que, por sua natureza subjetiva, exige muita leitura para a compreensão dos autores e, principalmente, o pensamento reflexivo a partir delas.

Não obstante, observou-se que eles são eficazes ao contribuírem significativamente para o aluno que está se graduando em psicologia, como também para o seu fazer na prática, uma vez que o profissional da psicologia, em qualquer área que escolha seguir, deverá atuar com uma postura empática e acolhedora diante das subjetividades, devendo ser capaz de interpretar o mundo a partir de um olhar questionador e de contribuir para a mudança na forma como o indivíduo enfrenta a realidade.

Tendo em vista os aspectos supracitados, os benefícios do que é discutido nos grupos acompanham também a experiência clínica, uma vez que se associa a teoria e prática, como afirmam os integrantes do grupo de estudos realizado por Silva et al. (2020). Segundo os participantes, a

experiência da troca de vivências, opiniões e anseios durante as reuniões "facilitaram a aprendizagem e deram base para o atendimento clínico, pois ajudaram a associar a teoria com a prática." (Silva et al., 2020, p. 8).

Outra característica destes espaços de aprendizagem que denota sua relevância para a graduação em psicologia é a liberdade de escolher o tema a ser debatido e leitura a ser feita, adequando a dificuldade, relevância e interesse de cada participante. Como foi experienciado por Silva et al. (2020), o planejamento dos encontros e a escolha das temáticas ocorriam em sua maioria de formas flexíveis, classificando temáticas que fossem de desejo dos acadêmicos e simultaneamente pertinentes a clínica psicanalítica.

Através dos estudos, foi possível concluir, portanto, que os grupos de estudos em psicanálise possuem um alto grau de eficácia para o processo de aprendizagem e formação em psicologia, à medida que trazem os conceitos psicanalíticos de forma mais descomplicada visando tornar mais agradável e completa a assimilação do conhecimento, considerando que alguns discentes encontram dificuldades em aprender os conteúdos por meio do método de ensino convencional da sala de aula e que nem sempre a grade curricular ofertada pela universidade é capaz de abordar de forma satisfatória o vasto campo de saberes e práticas que constitui a psicanálise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos realizados, foi possível constatar que a psicanálise, devido a suas particularidades, não pode ser totalmente apreendida pela lógica da educação formal, sendo necessário, portanto, formas complementares para que haja a sua transmissão. Nesse sentido, os grupos de estudo figuram como espaços privilegiados de aprendizagem, que dão abertura à construção coletiva de saberes e à transmissão mais abrangente das teorias psicanalíticas. Verificou-se, também, que a proposta dos grupos de estudo em psicanálise surge como uma possibilidade de mobilizar discussões que fazem falta ou são pouco exploradas pelo ensino convencional da psicanálise concedido pela grade curricular da universidade, tais como as problemáticas da sociedade atual.

Além disso, os grupos oferecem suporte aos alunos que encontram dificuldade em compreender as ideias mais complexas de alguns teóricos da psicanálise, que podem ser melhor assimiladas através das discussões coletivas. Ainda, auxiliam a promover uma maior autonomia do aluno, pois neles o estudante é responsável pelo próprio aprendizado, ao passo que contribui ativamente para o aprendizado dos demais integrantes; todos

compartilham saberes sendo igualmente contribuintes do ensino e da aprendizagem da Psicanálise.

Conclui-se, portanto, que os grupos de estudo em psicanálise configuram-se como espaços que aceitam e acolhem as dúvidas, anseios e dificuldades que o aluno possui e não se sente à vontade para compartilhar em sala de aula, com receio de ser constrangido pela figura superior do professor – sujeito suposto saber – ou mesmo pelos colegas. Tais aspectos colaboram para uma formação mais rica que acompanha as mudanças e novas necessidades que emergem na sociedade contemporânea, tornando evidente a sua relevância para a graduação em psicologia.

REFERÊNCIAS

Almeida-Filho, N. (2007). *Universidade nova: Textos críticos e esperançosos*. Editora UnB.

Alves, F. P., Ribeiro, M. S., Sena, A. A. P., Bastos, A. L. S., Silva, G. C. P., Oliveira, J. P., & Alves, N. F. (2016). Transmissão da Psicanálise: A experiência de um grupo de estudos. *Leitura Flutuante*, 8(2), 49-60. <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/31754/22093>

Bion, W. R. (1975). *Experiências com grupos: Os fundamentos da psicoterapia de grupo* (W. I. Oliveira, Trad., 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1961).

Bleger, J. (2011). *Temas de psicologia: Entrevista e grupos* (R. M. M. Moraes, Trad., 4a ed.). WMF Martins Fontes.

Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. (2001). *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia* (13a ed.). Saraiva.

Carneiro, H. F., & Santos, P. J. C. (2009). A transmissão da psicanálise a partir do estudo de casos clínicos. *Psicologia em Revista*, 15(3), 172-188. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2009v15n3p172>

Carpigiani, B. (2002). *Psicologia: Das raízes aos movimentos contemporâneos* (2a ed.). Pioneira Thomson Learning.

Cheniaux, E. (2006). Os sonhos: Integrando as visões psicanalítica e neurocientífica. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28(2), 169-177. <https://www.scielo.br/j/rprs/i/2006.v28n2/>

Coutinho, D. M. B., Mattos, A. S., Monteiro, C. F. A., Virgens, P. A., & Almeida Filho, N. M. (2013). Ensino da psicanálise na universidade brasileira: Retorno à proposta freudiana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(1), 103-120. <https://bit.ly/42jYtrS>

- Cruz, A. D. G., & Souza, H. G. (2017). Acerca das resistências à psicanálise: Um impasse que atravessa a universidade. *Revista Docência do Ensino Superior*, 7(1), 110-123. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2017.2230>
- Cunha, I. E. E. A., Ramos, F. O., Dias, M. P., Lemes, C. R., & Barja, P. R. (2021). Comunicação e reflexão: A psicanálise como tema de um grupo de estudos universitários. *Revista Univap*, 27(54), 1-15. <https://doi.org/10.18066/revistaunivap.v27i54>
- De Luccia, D. P. B. (2018). *A atuação do psicanalista com grupos e instituições: Teoria e relatos de intervenção a partir de Freud e Lacan* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo). Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.47.2019.tde-29012019-175420>
- Emílio, S. A. (2010). O grupo psicanalítico de discussão como dispositivo de aprendizagem e compartilhamento. *Vínculo*, 7(2), 35-43. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1806-249020100002&lng=pt&nrm=iso
- Figueiredo, A. C. (2008). Psicanálise e universidade: Reflexões sobre uma conjunção ainda possível. *Fractal: Revista de Psicologia*, 20(1), 237-252. <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4686/4366>
- França, L. O., & Santos, M. L. G. (2022). O ensino da psicanálise na graduação em psicologia: Cursos e percursos no estado do Acre. *Psicologia USP*, 33, 1-9. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e190174>
- Freire, P. (2011). *Pedagogia do oprimido* (50a ed.). Paz e Terra.
- Freud, S. (2011). Mensagem na inauguração da universidade hebraica. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 319-320). Imago. (Trabalho original publicado em 1923-1925).
- Freud, S. (1996). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 284-287). Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1997). *A história do movimento psicanalítico*. Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 9-90). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região. (2019). *História*. <https://www.gepriopretoeregiao.com.br/quem-somos/historia>
- Hothersall, D. (1997). *História de la psicología* (3rd ed.). McGraw-Hill.

- Lhullier, L. A., Marsillac, A. L. M., Silva, P. S. A. J., Machado, L. V., & Fantin, A. D. (2018). Psicanálise e universidade: A proposta do LAPCIP. *Revista de Ciências Humanas*, 52, 1-13. <http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2018.39872>
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica* (5a ed.). Atlas.
- Maximino, V., & Liberman, F. (2015). *Grupos e terapia ocupacional: Formação, pesquisa e ações*. Summus.
- Mezan, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. Companhia das Letras.
- Pichon-Rivière, E. J. (2005). *O processo grupal*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969).
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2a ed.). Feevale.
- Quinodoz, J.-M. (2007). *Ler Freud: Guia de leitura da obra de S. Freud*. Artmed.
- Rosa, M. D. (2001). Psicanálise na universidade: Considerações sobre o ensino de psicanálise nos cursos de psicologia. *Psicologia USP*, 12(2), 1-9. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642001000200016>
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise?* (V. Ribeiro, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1944).
- Sapateiro, M. R., Silva, A. C. M., Gouveia, E. C., Inácio, A. L. M., & Sei, M. B. (2021). Formação em Psicologia Clínica no contexto pandêmico: Possibilidades da extensão por meio de um grupo de estudos. *Colloquium Humanarum*, 18(1) 86-99. <http://dx.doi.org/10.5747/ch.2021.v18.h511>
- Silva, D. C., Gonçalves, I. F., Azambuja, N. R., & Caneda, C. R. G. (2020). *Grupo de estudos em psicanálise: Um relato de experiência*. Congresso Internacional de Interfaces da Psicologia, Cachoeira do Sul, RS, Brasil.
- Sousa, L. A. F. (2018). *A associação livre em Freud: Fundamento do tratamento psicanalítico* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32177>
- Sousa, A. S., Oliveira, G. S., & Alves, L. H. (2021). A pesquisa bibliográfica: Princípios e fundamentos. *Cadernos da Fucamp*, 20(43), 64-83. <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>
- Zimerman, D. E. (2007). *Fundamentos psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica*. Artmed.